



## SINAIS DE PONTUAÇÃO COMO SÍMBOLOS LINGUÍSTICOS

### PUNCTUATION MARKS AS LINGUISTICS SYMBOLS

LouAnn Kleppa<sup>1</sup>

**Resumo:** Foi realizado um experimento com alunos universitários em que a tarefa era pontuar um texto curto. Mesmo conhecendo o texto, os alunos o pontuaram de maneiras singulares. Não só os sinais que incidem num mesmo lugar são vários, como os lugares em que incidem os sinais são vários. Essa multiplicidade de possibilidades observada indica que as unidades textuais não estão previamente delimitadas para os alunos e que há margem para escolha de sinais. Nesse texto, procuramos entender os sinais de pontuação como elementos que compõem um sistema em que há escolhas. Essas escolhas, no entanto, não são apenas sintaticamente motivadas: através do conceito de pontuabilidade de Bernardes (2002), encontramos um sujeito que pontua para o outro. Através das formulações teóricas de Nunberg (1990), Dahlet (1995 a 2006), Crystal (2015) e Bredel (2020) acerca do sistema de sinais de pontuação, chegamos ao inventário dos sinais de pontuação, suas funções e o papel do sujeito que pontua.

**Palavras-chave:** sinais de pontuação; pontuabilidade; sujeito.

**Abstract:** An experiment was carried out with university students in which the task was to set punctuation marks in a short text. Even knowing the text, students punctuated it in unique ways. Not only were there different signs on the same place, but also the places where the signs were used were many. This multiplicity of possibilities indicates that the textual units are not previously delimited for these students and that there is room for choosing signs. In this paper, we seek to understand punctuation marks as elements that make up a system in which there are choices. These choices, however, are not just syntactically motivated: through Bernardes' (2002) concept of punctuability, we find a subject who punctuates for the reader. Through the theoretical formulations of Nunberg (1990), Dahlet (1995 to 2006), Crystal (2015) and Bredel (2020) about the system of punctuation, we arrived at the inventory of punctuation marks, their functions and the role of the subject who punctuates.

**Keywords:** punctuation marks; punctuability; subject.

## INTRODUÇÃO

Neste artigo, procuramos responder a uma pergunta que os materiais normativos sobre pontuação não se fazem: **o que são** os sinais de pontuação, **quais são e como funcionam**? Acreditamos que o debate acerca da natureza dos sinais de pontuação seja relevante para o ensino da escrita, porque a abordagem de estudos desenvolvidos na Linguística – mesmo que incipientes e dispersos – é muito discrepante da abordagem dos textos normativos (gramáticas, guias, manuais e livros didáticos) aos quais alunos e professores recorrem. A Linguística ainda não conta com uma escola, tradição, corrente teórica ou outro projeto de unificar uma formalização teórica a respeito dos sinais de pontuação. O presente texto é resultado de um esforço de encontrar, em diferentes abordagens do tema, aspectos congruentes de categorizações feitas por diferentes autores.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Porto Velho, RO, Brasil. kleppa@unir.br.  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0317-9440>

Procuramos reunir e trazer para o debate sistematizações diversas no intuito de oferecer referências ao leitor interessado em sinais de pontuação.

Elegemos como objeto de investigação textos pontuados por alunos de graduação que participaram de um experimento. A multiplicidade de soluções pontuatórias oferecidas pelos participantes nos obriga a considerar que os sinais de pontuação não apenas marcam fronteiras de constituintes (satisfazendo regras da língua), mas atendem aos propósitos comunicacionais daqueles que pontuam seus textos (apontando para o sujeito que pontua e seu leitor). A dimensão enunciativo-discursiva da pontuação é discutida por alguns autores na Linguística como sendo parte constituinte do sistema de sinais de pontuação. Temos, assim, **o sujeito, a língua e o outro** previstos na formalização de autores que descrevem o sistema de pontuação, mas não na categorização de autores normativos.

O percurso deste texto parte da discussão teórica acerca da natureza dos sinais de pontuação (o que são ‘sinais’? Como se inserem nos espaços do texto escrito? Que funções exercem sobre o texto escrito?); passa pela questão do sujeito que se inscreve no texto ao pontuá-lo; e examina os dados do experimento de pontuação. Por fim, discutimos os resultados refletindo sobre o processo de escrita.

## 1. SINAIS: ÍNDICES OU SÍMBOLOS?

Traduzindo “sinais de pontuação” para as línguas que nos arriscamos a interpretar, teremos, nas línguas românicas:

*signos de puntuación* (espanhol),  
*signes de ponctuation* (francês),  
*signi de punteggiatura* (italiano) e  
*semne de punctuatie* (romeno).

Mesmo sem ser fluente nessas línguas, é possível reconhecer o mesmo padrão que coordena “sinais” com “pontuação” através de uma (mesma) preposição. Nas línguas germânicas, em contrapartida, outro tipo de construção se apresenta:

*punctuation marks* (inglês),  
*Satzzeichen* (alemão) e  
*leestekens* (holandês).

Em inglês, os ‘sinais’ passam a ‘marcas’ de pontuação (porque *sign* remeteria a ‘signo’). Em alemão, os sinais (*Zeichen*) são de frase (*Satz*) e em holandês os sinais (*teken*) são de leitura (*lezen* corresponde a *ler*). Em suma, assumindo que *marks* tenha o mesmo valor que ‘sinais’, procuramos então, em dicionários especializados, por uma definição do termo ‘sinal’, denominador comum nessas sete línguas para designar [.], [:], [...], [,], [;], [“ ”], [-], [!] [?] e [( )].

No *Dicionário de Linguística e Fonética* (CRYSTAL, 1988), o verbete sobre “sinal” remete apenas às línguas de sinais usadas pela comunidade surda. O *Dicionário de Linguagem e Linguística* (TRASK, 2008) não apresenta a entrada ‘sinal’. Por fim, o *Dicionário de Linguística e Gramática* (CÂMARA Jr., 1977) apresenta duas definições para ‘sinal’: “símbolo; dêixis”. Temos aqui uma pista que pode nos ajudar a refletir sobre a natureza dos sinais de pontuação.

Na semiótica peirceana, **ícone**, **índice** e **símbolo** são conceitos: o ícone guarda certa relação de semelhança com o objeto a ser representado; o índice apresenta uma relação de contiguidade com o objeto a ser representado; e o símbolo contém tanto elementos de iconicidade como de indicialidade, representando uma relação mediada pelo interpretante através de uma convenção. Conforme Ribeiro (2010, p. 49), “o símbolo aponta para algo que está ausente, representando-o, mas sem apreender todas as suas possibilidades.” O símbolo sugere, portanto, uma interpretação subjetiva: “o símbolo se relaciona com seu objeto devido a uma ideia presente na mente do usuário, um hábito associativo, uma lei, chamada por Peirce de ‘interpretante lógico’.” (RIBEIRO, 2010, p. 51). Símbolos são sujeitos a mudanças, porque seus significados dependem da perspectiva pela qual são interpretados.

Quando postulam que os sinais de pontuação “indicam pausas” (e melodia, como fazem CUNHA e CINTRA, 2001), os gramáticos (AZEREDO, 2018; CUNHA e CINTRA, 2001; ROCHA LIMA, 2020) tomam os sinais de pontuação como **índices**, como se a escrita e a fala apresentassem uma relação de contiguidade: o redator pontua o texto escrito orientando-se por uma voz (interior?). O problema é que se a pausa pode ser medida em segundos pelo interlocutor, o tempo da escrita é imensurável pelo leitor. Se, por outro lado, os sinais de pontuação devem representar a pausa (e a melodia) na leitura em voz alta de um texto escrito, temos outras questões, de ordem pragmática: a leitura é predominantemente silenciosa há séculos e a performance da leitura em voz alta depende de uma série de fatores que ultrapassam o texto escrito.

Na literatura sobre sinais de pontuação, Junkes (1995) assume que os sinais de pontuação sejam **sinais tipográficos**, ao passo que Dahlet (1998) os trata como **signos ideográficos**. Flusser publicou em 1965 um ensaio sobre o ponto de interrogação em que parte do pressuposto de que o ponto de interrogação é um signo sem sentido, possivelmente um hieróglifo ou ideograma, definitivamente um elemento gráfico que instala na sentença (e no texto) um clima de dúvida e que, portanto, “pode ser elevado a símbolo de nossa época” (FLUSSER, 1965, p. 3).

Krahn (2014, p. 104, tradução minha) postula que “A pontuação é um sistema de símbolos usados para proteger a integridade da sentença canônica e fazê-la visível no meio gráfico da escrita.”<sup>2</sup> Para o autor, os sinais de pontuação são **símbolos linguísticos** que não possuem significado próprio (como seria no caso do signo = significado + significante), mas um significado convencionalizado ao longo de muitos anos de experimentações e revoluções tecnológicas. Watson (2019), que concentrou sua atenção no ponto e vírgula, revela um pouco da história da pontuação:

O ponto e vírgula nasceu em Veneza em 1494. [...] Nasceu num período de experimentações e invenções escriturárias, um tempo em que não havia regras de pontuação, em que leitores [e escritores] criavam e descartavam novas marcas de pontuação regularmente. (WATSON, 2019, pos. 124 no Kindle)

[...]

Alguns textos impressos que apareceram nos séculos próximos ao nascimento do ponto e vírgula parecem ter sido escritos parcialmente em código secreto: são recheados de pontos misteriosos, barras, voltas e arabescos. (WATSON, 2019, pos. 152 no Kindle, tradução minha<sup>3</sup>)

---

<sup>2</sup> No original: Punctuation is a system of symbols used to protect the integrity of the canonical sentence and make it visible in the graphic medium of writing.

<sup>3</sup> No original: The semicolon was born in Venice in 1494. [...] It was born into a time period of writerly experimentation and invention, a time when there were no punctuation rules, and readers created and discarded novel punctuation marks regularly.

[...]

Some of the printed texts that appeared in the centuries surrounding the semicolon’s birth look as though they are written partially in secret code: they are filled with mysterious dots, dashes, swoops, and curlicues.

Nem todos os sinais de pontuação que temos hoje foram introduzidos na escrita em um mesmo espaço (obra ou casa editorial, por exemplo) ou num mesmo tempo ou ainda com as mesmas funções que hoje, como evidencia Rocha (1997). Anos de experimentações gráficas foram necessários, num processo de inclusão, concorrência e exclusão. Com a imprensa de tipos móveis, que operava com tipos de chumbo, a quantidade de sinais de pontuação foi estabilizada e seus usos foram padronizados primeiramente pelos profissionais da escrita (principalmente editores e compositores normatizavam os usos de suas casas editoriais – que geralmente eram diferentes das normas de outras casas editoriais). Com a industrialização, exigências de regulação e padronização recaíram sobre a escrita, que passou a ser entendida como um bem público, pré-requisito para o sucesso individual e coletivo (COULMAS, 2014, p. 134).

Se, para ser símbolo, as condições são o seu caráter arbitrário e processo de convencionalização, podemos concordar que os sinais de pontuação – que são usados no contínuo da escrita, mas não correspondem a elementos alfanuméricos – sejam símbolos linguísticos. Krahn (2014, p. 21) diferencia três tipos de símbolos encontrados na escrita:

- aqueles que substituem palavras (por exemplo: números, R\$, & ou %);
- aqueles que são puramente gráficos e extratextuais (notas de rodapé, listas verticais enumeradas por pontos mediais, como esta aqui);
- aqueles que possuem uma função linguística no texto: os sinais de pontuação.

Mas que função linguística é essa, exatamente? Os sinais de pontuação não são decodificados (no sentido de traduzidos da forma gráfica para a forma verbal, por exemplo: não são vocalizados quando o texto é lido em voz alta, como é o caso dos símbolos da primeira categoria, em que [%] é verbalizado como ‘por cento’), nem organizam a página (como os da segunda categoria). Não significam em si, mas apontam para algo que está ausente. Por fim, ordenam a sentença e o texto: podemos afirmar que os sinais de pontuação são metalinguísticos? A resposta está na próxima seção.

## 2. O SISTEMA DE SINAIS DE PONTUAÇÃO E SUAS FUNÇÕES

Tomamos como referência teórica quatro autores que assumem que a escrita tenha autonomia em relação à oralidade: Geoffrey Nunberg (1990), Véronique Dahlet (1995 a 2006), David Crystal (2015) e Ursula Bredel (2020). Nenhum deles faz relação com pausas ou melodias (como fazem os gramáticos) quando trata do sistema de pontuação: para os autores, os sinais de pontuação são gráficos, portanto visíveis, legíveis. Todos entendem a escrita como um sistema – e a pontuação como um sistema da escrita.

Quando nos referimos à pontuação como um sistema, queremos dizer que em qualquer lugar do discurso escrito uma escolha precisa ser feita a partir das opções que a língua oferece. Assim como na gramática, escolher um dos membros exclui os outros. Então o que importa – o que realmente importa – é conhecer as opções que temos [...]. (CRYSTAL, 2015, pos. 1587-1592 no Kindle, tradução minha<sup>4</sup>)

Para definir o inventário dos sinais de pontuação, nos apoiamos em Bredel (2020), que toma como referência os aspectos gráficos dos sinais de pontuação. Assim como as

---

<sup>4</sup> No original: When we talk about punctuation as a system, we mean that, at any one place in a written discourse, a choice has to be made from the set of options the language makes available. As with grammar, choosing one of the members excludes the others. So the important thing – the really important thing – is to be aware of what the options are [...].

palavras são individualizadas na escrita pelo espaço em branco que as circunda, o espaço em branco confere autonomia aos sinais de pontuação. Depois de ponto, vírgula, dois pontos, reticências, exclamação, interrogação e ponto e vírgula deixamos um espaço em branco. Antes de aspas e parênteses (sinais morfológicamente duplos) deixamos um espaço em branco. Estes sinais se inclinam nas palavras, mas não dependem delas, como seria o caso de *itálico*, **negrito** ou MAIÚSCULAS. Já o travessão é rodeado de espaços em branco. Se o espaço em branco dá autonomia aos sinais de pontuação, então o hífen, que é rodeado de letras, não satisfaz o critério gráfico dos sinais de pontuação.

Em termos morfológicos, Dahlet (2006) aponta que os sinais de pontuação são indivisíveis<sup>5</sup>: os pontos e traços que formam cada sinal não equivalem a morfemas de palavras que podem ser recombinados com outros morfemas. Bredel (2020) ainda ressalta que os sinais duplos, como [( )] e [“ ”], são espelhados, ou seja, não se trata da repetição de um mesmo sinal – o que se estende aos pontos de exclamação e interrogação invertidos do espanhol: [¿ ?] e [¡ !].

Outro fator é o escopo de atuação. Defendemos que os sinais de pontuação atuam sobre a sentença e o texto – não sobre a palavra, já que sinais de palavra (como hífen ou apóstrofo) são sujeitos a reformas ortográficas. Sinais de pontuação não são afetados por reformas ortográficas, já que incidem sobre unidades em que o sujeito tem maior grau de liberdade criativa (JAKOBSON, 1971).

Bredel (2020) entende que os sinais de pontuação possibilitam ao leitor dois movimentos no processo de leitura: *parsing* (segmentação de unidades) e *scanning* (percepção da estrutura do texto). Ou seja, o olho capta a organização do texto em parágrafos (separados pela alínea) ou diálogos (marcados pelo travessão de diálogo) antes mesmo de ler as palavras contidas no texto. Dito isto, o inventário (como proposto em KLEPPA, 2019, 2021 e no prelo) dos sinais de pontuação do português se restringe a onze sinais:

[alínea], [·], [,], [:], [;], [...], [!], [?], [( )], [“ ”], [-].

Crystal (2015) trata tanto das funções **sintáticas** como **pragmáticas** dos sinais de pontuação – assumindo que um mesmo sinal pode ter mais de uma função, a depender do gênero textual em que é usado:

Grande parte da variação observada é referente às funções – e não às formas dos sinais de pontuação. Pontuar não é uma questão de se escolher entre aspas simples ou duplas ou entre dois pontos ou ponto e vírgula, mas compreender o papel que a pontuação desempenha para promover a efetividade de um texto. (CRYSTAL, 2015, pos. 4750 no Kindle, tradução minha<sup>6</sup>)

Dahlet (2002) assume que os sinais de pontuação são multifuncionais, a depender do contexto monológico (o redator se dirige ao leitor) ou dialógico (uma personagem se dirige à outra). A autora divide os sinais de pontuação em dois grandes grupos: **sequenciadores** (separando e delimitando unidades sintagmáticas no contínuo escritural) e **enunciativos** (marcando o discurso citado, modalidades enunciativas, expressividade e hierarquia informacional).

---

<sup>5</sup> As tentativas de inventar novos sinais de pontuação, como, por exemplo, o ponto de ironia (do Ziraldo: letra “i” acrescida de ponto abaixo ou “ponto de exclamação” acrescido de ponto em cima) partem do pressuposto de que os traços e pontos que compõem um sinal se comportam como morfemas.

<sup>6</sup> No original: A great deal of the variation [...] is to do with functions rather than forms. Punctuation is not simply a matter of choosing between, say single or double inverted commas, or between a colon and a semicolon, but of understanding the role that it plays in promoting the effectiveness of a text.

Nunberg (1990) postula três funções cumulativas para os sinais de pontuação: **separar**, **delimitar** e **marcar** (distinguir graficamente). Por exemplo: o ponto apenas *separa* uma sentença da outra, mas a interrogação, além de *separar* uma sentença da outra, *marca* a sentença como sendo uma pergunta.

Mesmo que os autores não usem os mesmos termos, acreditamos que suas categorizações sejam compatíveis: “separar” e “delimitar” podem ser entendidos como operações sintáticas (sequenciadoras) que recaem sobre unidades textuais (parágrafos, frases, sintagmas, palavras). Ao tratar tanto de funções pragmáticas como enunciativas, Crystal e Dahlet consideram o sujeito que pontua – melhor: o sujeito que se inscreve no texto, que deixa sua marca no escrito.

Como já discutido em Kleppa (no prelo), propomos o cruzamento desses referenciais teóricos para visualizar as funções dos sinais de pontuação. Conforme mostra a Tabela 1, todos os onze sinais de pontuação exercem função sintática: os sinais simples separam, os sinais duplos delimitam unidades sintáticas. Tanto [,] como [-] apresentam diversos usos (simples e duplo), o que tem efeito direto sobre sua função e posição na sentença.

**Tabela 1:** Cruzamento dos referenciais teóricos para descrever as funções dos sinais de pontuação.

	SEPARAR	DELIMITAR	MARCAR
alínea	parágrafos		
ponto	sentenças		
ponto e vírgula	orações, enumerações		
dois pontos	tema-remã		
interrogação	sentenças		pergunta, não saber
exclamação	sentenças		exaltação
reticências	unidades variadas		ausência
parênteses		unidades variadas, o que pode ser removido	leitura não-linear
aspas		citação, expressão ou palavra	distanciamento, dupla voz/duplo sentido
vírgula	tópico de comentário, oração subordinada invertida, adjunto topicalizado, itens em lista, orações coordenadas e correlatas	aposto, vocativo, encaixada	elipse
travessão	um adendo na sentença	o que pode ser removido	diálogos, comentários
	SEQUENCIADORES, SINTÁTICOS		ENUNCIATIVOS, PRAGMÁTICOS

As funções sintáticas podem ser exercidas em **fronteiras textuais** (alínea, aspas, parênteses e travessão independem da unidade ‘sentença’); **fronteiras de sentenças** (são os finalizadores: [,], [...], [!] e [?]) ou **no interior de sentenças** ([,], [;], [:], [-] e [“ ”] ou [( )] que separam ou delimitam orações, sintagmas, expressões ou palavras). Sim, podemos afirmar que os sinais de pontuação são metalinguísticos.

Crystal (2015) afirmava que as funções dos sinais de pontuação impõem dificuldade maior que as formas. Entendemos que, para o redator, a dificuldade não é tanto com as funções dos sinais de pontuação, mas com as unidades a serem segmentadas. Retomando Krahn (2014) e a sentença canônica, podemos afirmar que a vírgula marca ordem de palavras – e aí “marcar” não é uma função enunciativa, mas sintática. A dificuldade de usar a vírgula reside na dificuldade de perceber a sentença e seus

integrantes, já que não existe fórmula para se compor uma sentença (“Sim.” pode ser uma sentença). Para Dahlet (2006, p. 126), a noção de frase não se aplica à oralidade:

Ora, a frase no real da língua não existe. Remete a um conceito elaborado para atender as necessidades da descrição gramatical e linguística [...]. Isso significa que, nos estudos sobre o oral, a noção de frase é, do ponto de vista operacional, nula, ao passo que nos estudos sobre o escrito ela só pode remeter a realizações efetivas, mas todas elas podem ser resumidas a uma só operação: segmentar o discurso em unidades gráficas, denominadas frases.

No *Dicionário de Linguística e Fonética* (CRYSTAL, 1988, p. 235), o conceito de “sentença” é equiparado ao de “período” e “frase”: “A identificação das sentenças é relativamente fácil na língua escrita, mas muitas vezes problemática na fala, onde a ENTONAÇÃO e a PAUSA podem dar pistas incertas a respeito do limite de uma sentença.” Já no *Dicionário de Linguagem e Linguística*, lemos que:

Para a maioria dos linguistas, na maior parte das circunstâncias, uma sentença é um objeto linguístico abstrato [...].

[...] uma sentença não é apenas uma sequência de palavras: é, sim, uma sequência de palavras com uma estrutura sintática que lhe é própria. (TRASK, 2008, p. 263-264)

Sentenças são entendidas aqui como unidades gráficas iniciadas com letra maiúscula e terminadas em algum sinal de pontuação finalizador – que não possuem correspondente na oralidade, em que a unidade é o enunciado (BAKHTIN, 2000). Se a sentença é uma unidade gráfica cuja identidade depende de suas fronteiras – maiúscula e sinal finalizador – então podemos pensar que a sentença é criada pelo redator no ato pontuatório. Nesse sentido, a gramática tradicional usa como parâmetro tanto unidades (pausa, melodia) que não são do domínio da escrita, como unidades (sentença) que não existem *a priori*, mas que são instauradas a partir da pontuação.

### 3. PONTUABILIDADE E PONTUAÇÃO

Em sua tese publicada em 2002, Ana Cristina de Aguiar Bernardes postula o conceito de **pontuabilidade** (que remete à virtualidade de segmentações da cadeia sintagmática) em oposição à pontuação (as marcas de fato encontradas no texto):

O fato de haver uma dissociação entre as pontuações virtuais previstas na pontuabilidade e a marcação gráfica realizada pela pontuação mostra que ela introduz uma diferença no texto; na ausência dos sinais, toda escansão é, em princípio, possível; a partir do momento em que a pontuação adentra o texto, a virtualidade se transforma em presença, ou seja, opera-se aí uma restrição. Em outras palavras, ao ser pontuado, o texto fica *marcado* por uma interpretação [...]. (BERNARDES, 2002, p. 10, grifos no original)

A autora nota que o texto se apresenta como uma unidade divisível em (sub)unidades (parágrafos, frases, orações, sintagmas) articuladas entre si. As marcações de fronteiras dessas unidades implicam na restrição de interpretações múltiplas, orientando a leitura para um caminho determinado pelo redator (BERNARDES, 2002, p. 31). Nesse sentido, a pontuação não necessariamente “facilita” a leitura, mas a orienta:

A pontuação produz, sim, uma configuração textual que aponta para uma vertente de leitura, mas isto não significa que ela não poderia ser outra, e tampouco que os encadeamentos por ela assinalados também não pudessem ser outros; o funcionamento linguístico não escapa nunca à contingência e a pontuação também está submetida aos seus efeitos. (BERNARDES, 2002, p. 32)

Ou seja, quando estamos diante de um texto escrito, não temos apenas palavras, sintagmas, orações, sentenças e parágrafos diante dos olhos, mas também a interpretação do redator do que seriam essas unidades.

Na sessão a seguir, descreveremos um experimento executado com alunos do primeiro ano de Letras-Português matriculados na Universidade Federal de Rondônia – UNIR que receberam a tarefa de pontuar uma fábula.

#### 4. MATERIAIS E MÉTODOS

Participaram do experimento 24 alunos regularmente matriculados no curso de Letras-Português que cursavam a disciplina de Metodologia da Pesquisa em 2022, que versava sobre testes, experimentos e anotação de *corpora*. Foi-lhes apresentada uma fábula (já conhecida: os alunos tinham previamente elaborado e aplicado um teste de julgamento de gramaticalidade a partir do texto a seguir):

Certo dia, estava um Leão a dormir, quando um ratinho começou a correr por cima dele. O Leão acordou, pôs-lhe a pata em cima, abriu o bocão e preparou-se para o engolir.

– Perdoa-me! – gritou o ratinho – Perdoa-me desta vez e eu nunca o esquecerei. Quem sabe se um dia não precisarás de mim?

O Leão ficou tão divertido com esta ideia, que levantou a pata e o deixou partir. Dias depois, o Leão caiu numa armadilha. Como os caçadores queriam oferecer leão vivo ao Rei, amarraram-no a uma árvore e partiram à procura de um meio para transportar o animal. Nisto, apareceu o ratinho. Vendo a triste situação em que o Leão se encontrava, roeu as cordas que o prendiam. E foi assim que um ratinho pequenino salvou o Rei dos Animais.

O experimento que relatamos a seguir consistia em pontuar a fábula, portanto o texto foi apresentado num bloco, sem marcas pontuatórias – exceto a primeira letra maiúscula e o ponto no final do texto. Não havia maiúsculas que indicassem fronteira de sentenças (apenas o “Leão”, o “Rei” e o “Rei dos Animais” constavam em maiúsculas), nem alíneas que indicassem parágrafos ou diálogos.

Não foi solicitado aos alunos que reescrevessem o texto pontuando-o, mas que fizessem tanto as inserções dos sinais como a substituição de minúsculas por maiúsculas em fronteira de sentença no próprio texto. Nesse sentido, o discurso direto do rato não pode ganhar parágrafo novo e os sinais de início e fim de discurso direto se amontoaram com os sinais de início e fim da narrativa. Na transcrição abaixo, todas as ocorrências de sinais estão marcadas entre colchetes, com o número de ocorrências registrado em seguida.

Certo dia [ , 18] estava um Leão a dormir [ , 12] quando [ , 1] um ratinho [ , 1] começou a correr [! 1] [ . 1] por cima [ , 1] dele [ . 12] [ , 5] [ ; 1] o Leão acordou [ , 12] pôs-lhe [ , 2] a pata em cima [ , 8] abriu o bocão [ , 1] e preparou-se para o engolir [ . 10] [ ... 1] [ , 4] [ ; 1] [ - 9] [ “ 2] perdoa-me [! 11] [ . 3] [? 1] [ , 1] [ ” 2] [ - 3] [ “ 2] gritou [! 1] [ - 1] o ratinho [ . 6] [! 1] [ , 5] [ - 8] [ ” 2] perdoa-me [! 2] [ , 1] [ , 2] desta vez [ , 3] e eu nunca o esquecerei [ , 8] [ ; 1] [ . 6] [! 1] quem sabe se um dia não precisarás de mim [ . 13] [? 7] [! 2] o [ . 1] Leão [ , 1] ficou tão divertido com esta ideia [ , 7] [ ; 1] que levantou a pata e o deixou partir [ . 16] [ ... 1] [ , 1] [ ; 1] dias [ , 1] depois [ , 10] o Leão caiu numa armadilha [ , 10] [ . 5] como os caçadores [ . 1] [ , 1] queriam oferecer [ , 2] o Leão vivo ao Rei [ , 14] [ . 2] amarraram-no [ , 2] a uma árvore [ , 3] [ . 1] e partiram à procura de um meio [ , 1] para transportar [ . 1] o animal [ . 12] [ , 7] [ ; 2] neste [ , 4] apareceu o ratinho [ , 7] [ . 4] vendo a triste situação em que o Leão [ , 1] se encontrava [ , 13] roeu as cordas que o prendiam [ . 7] [ , 6] e foi assim que um ratinho pequenino salvou o Rei dos Animais.



Notamos que depois da expressão formulaica “Certo dia”, 18 pessoas (de 24) optaram pela vírgula: o maior caso de coincidência pontuatória no texto todo. O segundo lugar com maior incidência de marcação do mesmo sinal é ao fim da cena em que o leão deixa o rato partir, em que 16 pessoas inseriram o ponto final (que ainda assim, concorre com reticências, vírgula e ponto e vírgula). Quando quatro ou menos pessoas marcaram algum sinal isolado em uma parte do texto, essas ocorrências foram consideradas como acidentais e não foram destacadas com cores.

Em turquesa estão marcados os sinais que Dahlet (2002) chama de “marcadores de discurso citado”: tanto aspas como o travessão foram convocados pelos alunos, com maior sistematicidade para marcar o início do discurso direto “perdoa-me”. A descrição “gritou o ratinho”, situada no interior do discurso direto, não foi sistematicamente delimitada (ou percebida?), bem como o final do discurso direto “[...] se um dia não precisarás de mim”, cuja necessidade de marcação foi ignorada por todos. Se os sujeitos do experimento pudessem reescrever o texto, é provável que a alínea fosse empregada antes de “o Leão ficou tão divertido que [...]” para separar graficamente o discurso direto (do rato) da narrativa.

Em cinza estão todas as alternativas marcadas pelos participantes para segmentar unidades menores que a sentença: a vírgula é, sistematicamente, a opção mais escolhida, ao passo que ponto e vírgula não excede duas ocorrências num mesmo lugar. Observe-se que o número de vezes em que os sinais internos (vírgula e ponto e vírgula) concorrem com os sinais finalizadores (ponto, reticências, exclamação e interrogação) é maior que o número de vezes em que figuram apenas sinais internos (mesmo que alternativos). Este dado aponta para ausência de unanimidade acerca dos limites da sentença. Ou seja, a sentença não parece ser uma unidade pré-concebida, mas construída no texto – tanto é que a pontuação funciona como motor de multiplicação de sentidos, como ocorreu em “o Leão caiu na armadilha, como os caçadores”, dando a entender, pela pontuação, que os caçadores também tinham caído na armadilha.

O maior contingente de vírgulas incidiu antes de conjunções (“quando”, “como”, “que”, “e”) para separar duas orações; depois de sintagmas topicalizados (“certo dia”, “depois”, “nisto”) para marcar ordem de palavras; e entre dois sintagmas verbais, separando sequências de ações. Essas construções linguísticas que envolvem o uso da vírgula parecem funcionar como indicadores mais seguros (ou sedimentados) para pontuar do que o conceito de sentença.

Em amarelo estão marcados os sinais finalizadores. Não houve um só lugar em que todos os 24 participantes concordassem em usar apenas o ponto: o ponto sempre concorre com algum outro sinal finalizador e/ou com algum sinal interno à sentença. A vírgula, em contrapartida, aparece como única opção (com mais de quatro ocorrências) em seis lugares. Se conjunções, sintagmas topicalizados e enumerações são contextos mais reconhecíveis ao aluno que a noção de sentença, parece transparecer aqui um investimento maior no ensino do uso da vírgula do que do ponto final.

## 5. PONTUAR UM TEXTO

Não é natural que se escreva um texto anotando primeiro as palavras para pontuá-lo depois. O redator escreve pontuando – maiúsculas não são corrigidas *a posteriori*, como foi o caso do experimento. Nesse sentido, os alunos que participaram do experimento não são autores do texto, apenas o sequenciaram. A tarefa proposta aos sujeitos do experimento é semelhante às tarefas dos livros didáticos de pontuar (corretamente). Pontuar um texto é contribuir para a sua textualidade de modo que forma

e conteúdo estejam conjugados. Tanto a sentença como o texto podem ser entendidos como uma construção: é o leitor (tanto o autor como o leitor) que atribui sentido ao texto, interpretando-o.

Bernardes (2002) compreende a pontuação como um **mecanismo de interpretação do texto**. É o movimento interpretativo que o sujeito faz de sua própria escrita:

[...] a pontuação não realiza uma duplicação gráfica das segmentações previstas no funcionamento da língua, isto é, nada garante que ela venha a preencher este ou aquele espaço da cadeia; a unidade que o sujeito identifica como tal e assinala por meio da pontuação não necessariamente coincide com os limites previamente estabelecidos. A pontuação difere da pontuabilidade também porque subverte a própria noção de unidade [...]. (BERNARDES, 2002, p. 38-39)

Alguém escreve para um outro. Alguém pontua para orientar a leitura de um outro. O redator se inscreve no texto. Ao tomar como objeto de estudo textos de colegas universitários, Dallarosa (2013, p. 66-67) aponta que “A pontuação é um dos mecanismos que indica a subjetividade do sujeito na escrita [...]”. De acordo com Chittolina (2020, p. 310), “Pontuar faz parte das escolhas do autor quando o mesmo se insere na escrita e, por isso, pontuar diz também sobre a inserção singular de cada um na linguagem”. Para Dahlet (1995, p. 340, grifos no original), “o *scriptor*, através do ato pontuatório, faz a sua parte enquanto enunciador, e coloca-se a si mesmo em jogo.” Concluímos que os sinais de pontuação não apenas marcam fronteiras de constituintes, mas atendem aos propósitos comunicacionais daqueles que pontuam seus textos.

Crystal (2015, pos. 4780 no Kindle, tradução minha<sup>7</sup>) resume por que a pontuação é tão imprevisível quando as regras gramaticais parecem simples: “[...] no cerne da pontuação há uma tensão inescapável entre regras e preferências, uma subjetividade intrínseca e um compromisso do sujeito com o seu texto que precisa ser reconhecido se se quiser realmente entender o assunto”.

A gramática tradicional não conta com o **sujeito que pontua**. O cálculo da gramática se limita às unidades da língua – que não são fatos, mas categorias metalinguísticas teoricamente criadas. Por fim, a gramática toma os sinais de pontuação como índices de oralidade – sem que essa oralidade aponte para o sujeito, como quer Meschonnic: “como traço da subjetividade do discurso-ação, seja ele falado ou escrito” (MELLO, 2018, p. 21).

## 6. CONCLUSÃO

A gramática tradicional e o livro didático são paradigmas que tanto professores como alunos comumente tomam como referência. Atentar tanto para pausas e melodias como para as unidades sintagmáticas no interior da sentença forma um conjunto de práticas coletivas que são reproduzidas de forma tradicional: pausa para respirar, vírgula para diferenciar orações adjetivas restritivas de explicativas. O paradigma não é homogêneo – o inventário de sinais de pontuação varia de uma gramática para a outra e entre gramáticas e manuais de pontuação (KLEPPA, no prelo). Para alunos e professores que se orientam pela gramática tradicional e pelo livro didático, tanto a forma (quais são os sinais de pontuação?), como a função (pausa? Oração adjetiva restritiva?) dos sinais

---

<sup>7</sup> No original: [...] at the heart of punctuation there is an unavoidable tension between rules and taste, an intrinsic subjectivity, and a personal commitment that needs to be recognized if the subject is to be truly mastered.

de pontuação como as próprias unidades sintagmáticas são um mistério (o que é uma sentença?).

O que os poucos estudos teóricos sobre o sistema de pontuação desenvolvidos no âmbito da Linguística (referimo-nos a Nunberg, 1990; Dahlet, 1995 a 2006; Bernardes, 2002; Krahn, 2014; Crystal 2015 e Bredel, 2020) oferecem é uma mudança de paradigma. A escrita ganha autonomia em relação à fala, os sinais de pontuação exercem mais de uma função – dependendo de algumas variáveis – e o sujeito que pontua é considerado como fator determinante, não apenas a estrutura da língua. É certo que as formalizações oferecidas pelos linguistas que tomamos como referência aqui não são homogêneas, mas nos esforçamos para mostrar que são conciliáveis.

Se entendemos os sinais de pontuação como símbolos linguísticos, concordamos que são fruto de representações arbitrárias e convencionalizadas ao longo dos séculos: são artefatos, tal como a escrita. Wirth (*apud* Ribeiro, 2010, p. 50) lembra que “é próprio do símbolo o permanecer indefinidamente sugestivo: nele, cada um vê aquilo que sua potência visual lhe permite perceber.” Se encararmos os sinais de pontuação como metalinguísticos, percebemos que incidem em fronteiras de unidades que não estão dadas de antemão, mas precisam ser criadas/interpretadas pelo sujeito que pontua.

## REFERÊNCIAS

- AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Publifolha: Instituto Houaiss, 2018.
- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, p. 277-326, 2000.
- BERNARDES, Ana Cristina de Aguiar. *Pontuando alguns intervalos da pontuação*. Tese de doutorado em Linguística. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 2002.
- BREDEL, Ursula. *Interpunktion*. Heidelberg: Universitätsverlag Heidelberg, 2020.
- CÂMARA Jr, Joaquim Mattoso. *Dicionário de Lingüística e Gramática*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- CHITTOLINA, Raphaela Machado Monteiro. Laços da pontuação: escritor e leitor em um mesmo sinal. *REVEL*, vol. 18, n. 34, p. 295-311, 2020.
- COULMAS, Florian. *Escrita e sociedade*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- CRYSTAL, David. *Making a point: the pernickety story of English punctuation*. London: Profile Books, 2015.
- CRYSTAL, David. *Dicionário de Lingüística e Fonética*. Tradução e adaptação de Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- DAHLET, Véronique. *As (man)obras da pontuação. Usos e significações*. 1. ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas / Fapesp, 2006.
- DAHLET, Véronique. A pontuação e sua metalinguagem gramatical. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 10, n.1, p. 29-41, 2002.
- DAHLET, Véronique. Aquisição das línguas e pesquisas em pontuação. Tradução de Cristina Casadei Pietraróia. *Linha D'Água*, n. 14, p. 75-85, 1999.
- DAHLET, Véronique. Pontuação, sentido e efeitos de sentido. In: XLV Seminário do GEL, 1998, Campinas. Estudos Lingüísticos. *Anais do Seminário do GEL*. São José do Rio Preto: UNESP/IBILCE, 1998. v. XXVII. p. 465-471.
- DAHLET, Véronique. Pontuação, língua, discurso. In: XXIV Seminário do GEL, 1995, São Paulo. Estudos Lingüísticos. *Anais de Seminários do GEL XXIV*. São Paulo: GEL Est. de São Paulo, 1995. v. 1. p. 337-340.
- DALLAROSA, Andreia Rodrigues Zoelner. *A pontuação como movimentos do sujeito na escrita: pontos de reflexão*. Dissertação. Mestrado em Linguagem, Identidade e Subjetividade. Ponta Grossa, 2013, 108pp.
- FLUSSER, Vilém. ? *O Estado de S. Paulo*, 22 de outubro de 1965.

- JUNKES, Terezinha Kuhn. *Trajatória da pontuação: da frase ao interdiscurso*. Tese de doutorado em Linguística. Florianópolis: UFSC, 1995.
- JAKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1971.
- KLEPPA, Lou-Ann. *Onze sinais em jogo*. Campinas: Editora Unicamp, 2019.
- KLEPPA, Lou-Ann. Entre reticências e exclamações: usos de sinais de pontuação em peças publicitárias de 1952. *Cadernos de Linguística*, v. 2, n. 4, p. 1-23, 2021.
- KLEPPA, Lou-Ann. Para ensinar os sinais de pontuação. *Revista Diadorim*, v. 24, n. 2, 2022 (no prelo).
- KRAHN, Albert. *A new paradigm for punctuation*. Dissertation. University of Wisconsin – Milwaukee, 2014.
- MELLO, Simone Homem de. Guilherme Mansur. Coleção Editando o Editor. São Paulo: EdUSP: Editora Laboratório Com-Arte, 2018.
- NUNBERG, Geoffrey. *The linguistics of punctuation*. Monografia apresentada ao Center for the Study of Language and Information. Leland Stanford Junior University, 1990.
- RIBEIRO, Emílio Soares. Um estudo sobre o símbolo, com base na semiótica de Peirce. *Estudos Semióticos*, v. 6, n. 1, 2010, p. 46-53. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es>. Acesso em 09/02/2023.
- ROCHA, O sistema de pontuação na escrita ocidental: uma retrospectiva. *DELTA*, vol. 13, n. 1, 1997.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 57ª ed., [1972] 2020.
- TRASK, R. L. *Dicionário de Linguagem e Lingüística*. Tradução de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2008.
- WATSON, Cecelia. *Semicolon: The past, present, and future of a misunderstood mark*. Londres: Harper Collins, 2019 (livro digital, com paginação por posição).

Recebido: 11/2/2023

Aceito: 3/5/2023

Publicado: 30/5/2023